

NOVAS REVELAÇÕES SOBRE O POETA SETECENTISTA MANUEL INÁCIO DE SOUSA FAIALENSE*

Um dos temas que, sobretudo nos últimos tempos, mais tem animado os debates em torno da política cultural é o do património. E uma das perplexidades que se depara a quem quer que acompanhe as discussões tem a ver com o facto de o conceito ser geralmente tomado numa acepção restrita, que exclui, por exemplo, o património literário. As consequências desta postura estão à vista: ouvimos constantemente falar da alegada riqueza da nossa literatura, mas se olharmos para o panorama editorial — e mesmo sem o compararmos com o de países próximos, como a Espanha — é outra a realidade que encontramos. Quantos dos nossos clássicos têm a sua obra convenientemente reunida e editada? Infelizmente, bem poucos. E a situação é bem pior se sairmos do domínio das figuras de primeira linha. No caso concreto do século XVIII, e apesar do excelente trabalho feito por homens como Hernâni Cidade ou António José Saraiva, não há um único poeta cuja obra esteja devidamente reunida numa edição crítica, ou pelo menos numa edição fidedigna, sem dúvidas de autoria e bem anotada.

Embora não conheçamos em profundidade a literatura feita nos Açores, pensamos que o problema se coloca aí de modo semelhante, assumindo até proporções mais graves, sobretudo para os séculos mais recuados. Na ausência de uma planificação, devidamente apoiada, que se proponha recolher, editar e estudar esse património, a solução terá que vir de contributos individuais, mais ou menos fortuitos e dependentes das oportunidades.

* Comunicação apresentada ao colóquio *Os Açores na Viragem do Século*, Porto, 3-6 de Dezembro de 1998.

É justamente um contributo desse tipo que nos propomos apresentar aqui. O nosso primeiro contacto com o poeta faialense Manuel Inácio de Sousa ocorreu em 1994, num trabalho académico sobre o seu contemporâneo brasileiro Silva Alvarenga¹. Voltaríamos a falar dele num artigo publicado em 1995² e, já este ano, num volume novamente consagrado ao autor de *Glaura*³. Tratou-se, em todos os casos, de abordagens mais ou menos laterais do poeta açoriano. O convite para a participação neste Colóquio apresentou-nos a oportunidade para ir mais longe. Assim, aproveitando os materiais de pesquisa que fomos recolhendo nos últimos anos, decidimo-nos a elaborar uma proposta de edição crítica da obra poética de Manuel Inácio de Sousa, que será publicada em breve⁴. É portanto uma síntese desse trabalho que agora daremos a conhecer.

Embora pouco pormenorizadas, as informações disponíveis sobre a vida de Manuel Inácio de Sousa permitem-nos formar uma ideia razoavelmente nítida das coordenadas em que decorreu a existência do poeta. O esclarecimento dos principais aspectos biográficos está feito desde 1881 e deve-se a António Lourenço da Silveira Macedo, através de um artigo publicado n' *O Gremio Litterario*⁵ que viria depois a ser glosado pelos poucos autores que voltaram ao tema, designadamente Ernesto Rebello⁶ e Pedro da Silveira⁷.

No essencial, parece certo que Manuel Inácio de Sousa nasceu na Horta, a 20 de Dezembro de 1739, sendo filho de Domingos de Sousa e Silva, rico proprietário e negociante, e de Bárbara da Trindade. Pela con-

¹ *Silva Alvarenga — Contributos para a elaboração de uma edição crítica das suas obras*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994.

² *Manuel Inácio de Sousa — Um poeta faialense do século XVIII*, in «Boletim Cultural e Informativo da Casa dos Açores do Norte», n.º 34, Porto, Março de 1995.

³ *Para uma Edição Crítica da Obra do Arcade Brasileiro Silva Alvarenga — Inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos*, Porto, Edição do Autor, 1998.

⁴ Trata-se de *Edição Crítica da Obra do Poeta Setecentista Manuel Inácio de Sousa 'Faialense'*, Porto, Edição do Autor, 1998.

⁵ *Doutor Manoel Ignacio de Sousa*, in «O Gremio Litterario. Publicação quinzenal do Gremio Litterario Fayalense», 2.º ano, vol. II, n.º 28, Horta, 15 de Agosto de 1881, p. 27-28.

⁶ *Notas Açorianas*, vol. III, Ponta Delgada, Typ. do Archivo dos Açores, 1887, p. 47-50.

⁷ *Antologia de Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1977, p. 50-51.

sulta do seu processo de habilitação para os lugares de letras⁸, pudemos apurar que o seu pai e os seus avós paternos eram naturais da Graciosa, ao passo que a sua mãe e os seus avós maternos eram naturais do Faial. Quanto ao seu percurso escolar, conseguimos saber, através de pesquisas efectuadas nos Arquivos da Universidade de Coimbra, que se matriculou em *Instituta* no ano lectivo de 1760/61, vindo a alcançar o grau de Bacharel em Cânones a 25 de Maio de 1764, com a excelente classificação de *Nemine discrepante*. Faria depois exame de Suficiência a 4 de Julho de 1766, de Repetição a 17, e Privado a 23, atingindo o grau de Licenciado, também com a informação de *Nemine discrepante*.

De regresso ao Faial, casaria com a sobrinha Luísa Francisca de Sousa Sarmento, vindo a ser pai de sete filhos. Segundo António Macedo, terá exercido alguns cargos públicos, designadamente o de Vereador da Câmara Municipal e o de Provedor dos Bens dos Defuntos e Ausentes. A propósito da atenção de Manuel Inácio de Sousa à coisa pública, acrescenta Pedro da Silveira: «O interesse esclarecido com que pugnava pelo progresso da sua ilha é atestado por, entre outros documentos, uma memória sobre portos, que se encontra em Lisboa, no Arquivo Histórico Ultramarino (Açores, maço 19)»⁹.

Mas a sua vida profissional não terá ficado por aqui. Fazendo fê nas afirmações de Macedo, o nosso poeta montou, com um dos seus irmãos, uma importante casa comercial, voltada sobretudo para a exportação de vinhos, da qual se retiraria anos mais tarde, instalando-se num imponente palacete no sítio do Pilar. Viria a falecer em 1802, de acordo com António Macedo, ou no ano anterior, segundo Pedro da Silveira, que não justifica contudo a diferente proposta.

Quanto à inventariação da obra do poeta faialense, o trabalho estava até agora numa fase muito incipiente. Inocêncio, o primeiro bibliógrafo a fazer-lhe referência, indica apenas uma duvidosa tradução do inglês publicada em 1808¹⁰ e a elegia dedicada à morte de D. José, Príncipe da Beira e do Brasil, começada pelo verso *Perdoa, sombra ilustre, se o sossego*, que foi publicada em 1790 no *Jornal Encyclopedico*.

⁸ Torre do Tombo — *Índice da Leitura de Bacharéis*, ano de 1766, maço 41, n.º 12.

⁹ *Op. cit.*, p. 50.

¹⁰ *Relaçãõ da Conversãõ do R. Senhor Joaõ Thayer*, Lisboa, Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1808.

Duas décadas depois, em 1887, Ernesto Rebello noticiou as três composições publicadas em 1881 n' *O Gremio Litterario*: o poema em quadras heptassilábicas *O tempo tudo arrebatada*, o soneto *Risonha nasce a aurora neste dia* e a ode *Enquanto pelos campos estendidos*. Mais modernamente, Pedro da Silveira publicaria dois sonetos inéditos: *Eu vejo, Nise, em teus olhos formosos*¹¹ e *Vem ver-me, amado bem, neste retiro*¹². Estavam assim identificados e publicados 6 poemas: 3 sonetos, 1 elegia, 1 ode e 1 poema em quadras heptassilábicas.

Ficava contudo a ideia de que o trabalho de inventariação e reunião da obra poética de Sousa estava ainda longe de se encontrar concluído, tanto mais que Inocêncio declarara: «Consta que deixára ineditas muitas poesias, entre elas algumas *Odes* rubricadas com o seu nome, de que eu conservo copias em um livro manuscripto de letra contemporanea»¹³. E de facto, apesar de o bibliógrafo não nos ter dado a relação desses poemas, tivemos oportunidade de confirmar — pelo menos em parte — a afirmação.

Em pesquisas realizadas nos últimos anos em diversas bibliotecas portuguesas e estrangeiras, descobrimos 12 poemas inéditos de Manuel Inácio de Sousa: 3 odes, 3 sonetos, 2 idílios, 1 canção, 1 égloga, 1 elegia e 1 madrigal. Encontrámos também 5 outros poemas — 3 dos quais inéditos — com fortes probabilidades de lhe pertencerem: 2 écloas, 2 sonetos e 1 ode. Identificámos ainda 1 soneto com poucas probabilidades de ser do poeta faialense e 2 outros que lhe foram erradamente atribuídos, dado que já estavam publicados em nome de outros poetas contemporâneos. Além disso, descobrimos novas fontes testemunhais para metade das 6 composições já publicados.

Somando os poemas publicados com os inéditos, e incluindo aqueles que apresentam fortes possibilidades de serem do nosso autor, chegamos assim a um total de 23, distribuídos do seguinte modo: 8 sonetos, 5 odes, 3 écloas, 2 elegias, 2 idílios, 1 canção, 1 madrigal e 1 poema em quadras heptassilábicas. Correspondendo a um total de 1.041 versos, a obra de

¹¹ *Op. cit.*, p. 51.

¹² *Um soneto inédito do poeta Manuel Inácio de Sousa*, in «Boletim Informativo da Casa dos Açores», ano IV, 2.^a série, n.º 19, Lisboa, Março / Abril de 1984, p. 14.

¹³ SILVA, Inocêncio Francisco da — *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, p. 7.

Manuel Inácio de Sousa, sem fazer do seu autor um nome importante do nosso setecentismo, desmente categoricamente a ideia de que se trataria de um poeta ocasional e circunstancial.

Tentando uma caracterização mínima da poesia do autor faialense, devemos começar por notar que ela exhibe — como se pôde ver pela relação atrás apresentada — uma grande variedade de formas poemáticas, algumas particularmente características do período arcádico. Ainda do ponto de vista formal, deve ser sublinhado o acervo de recursos técnicos demonstrado por Manuel Inácio de Sousa. No domínio da métrica, embora use preferencialmente o decassílabo, também lança mão do seu quebrado, o hexassílabo, e chega a experimentar com mestria o tradicional redondilho maior. Algo de semelhante se verifica quanto às formas estróficas e aos modelos rítmicos: o poeta tanto apresenta composições de estrofação irregular como recorre ao terceto, à quadra ou à sextilha; e, embora use quase sempre o verso rimado, com diferentes esquemas, não enjeita o verso branco, bem característico da época.

Outro aspecto que importa sublinhar de início tem a ver com o facto de a poesia de circunstância ou celebratória ter uma presença muito diminuta na obra do autor, contrariamente à ideia que se poderia formar a partir dos poucos textos que eram conhecidos até ao momento. Na verdade, apenas quatro composições se enquadram nesta categoria. A primeira é a já referida elegia à morte de D. José, Príncipe da Beira e do Brasil. A segunda é uma canção inédita começada pelo verso *Do meu lado te aparta, Amor feroz*, dirigida aos anos de uma jovem senhora, assim enaltecida:

Ó agradável Ana, eu vi queixosa
 Contra vós hoje a Deusa dos agrados:
 Do semblante perdida [a] cor graciosa,
 Os olhos de mil lágrimas banhados,
 Dizia que as três Graças que adornavam
 Dela fugiam e em vós s'achavam (v. 25-30).

As duas outras composições que podemos considerar de cariz circunstancial são um poema em quadras heptassilábicas iniciado pelo verso *O tempo tudo arrebatá* e um soneto começado por *Risonha nasce a aurora neste dia*, dedicados também a um aniversário e ambos publicados n' *O Gremio Litterario*. Seguindo ambos uma linha bastante convencional, não

dispensam o recurso à mitologia como estratégia amplificativa das graças da destinatária:

Os teus anos, linda Isbela,
 Já os deuses festejaram,
 Na ordem das divindades
 Zelosos te colocaram.
 Se ao nascer já pertencias
 Aos altos Numes, sob{e}ranos,
 Em festejar teu natal
 Pouco fazem os humanos (v. 9-16).

Mas a parte mais significativa da obra do nosso poeta é a que está dominada pelo tema do lirismo amoroso. Dirigindo-se a Márcia, Anarda, Tirse, Zélia ou Nise, é sobretudo o sofrimento, provocado pela inconstância ou pelo desprezo da amada, que o poeta exprime. O recurso à convenção pastoril é frequente, surgindo esta esporadicamente associada a elementos mitológicos, que não chegam contudo — ao contrário do que muitas vezes se verifica na poesia da época — a sobrecarregar o texto. A representação da natureza é frequentemente moldada ao estado de espírito do sujeito, que disso mesmo se mostra consciente: «Escura me parece a luz do dia, / A noite clara, o campo negro e feio» (ode *Enquanto pelos campos estendidos*, v. 39-40). Não surpreende assim a referência à «triste solidão destes retiros», dominados pelas «penhas» e pelos «duros rochedos».

Há momentos em que o poeta é particularmente feliz na utilização da linguagem pastoril. É o caso da écloga inédita *Manso rebanho meu, que bem guardado*, em que o sujeito toma o gado como seu interlocutor, comparando a situação dos animais sem pastor com a do pastor que perdeu a sua companheira. Dirigindo-se ao seu confidente, o poeta recorda assim a felicidade passada:

Ali, já quando farto descansáveis
 Debaixo dos sombrios arvoredos,
 Quantas vezes, dissei gado infeliz
 (Confidente fiel dos meus segredos),
 Quantas vezes com Tirse ali me vistes,
 Gozar a fresca sombra deleitosa!

Oh, com que honesto pejo, com que gosto,
Em seus cabelos de ouro lhe cingia
Os jasmims menos alvos que seu rosto;
E com que ternura lhe oferecia
Os juncosos cestinhos, carregados
Das tenras frutas e vistosos lírios
Que colhera no campo, inda banhados
Do fresco orvalho da manhã serena (v. 44-57)

Alguns interesses apresentam também os momentos em que Manuel Inácio de Sousa se serve de uma imagem colhida na natureza para ilustrar um acontecimento ou um sentimento, como ocorre na seguinte passagem da elegia inédita *Coberto de tristeza o Tejo brando*, a propósito da morte de Umbrino:

Assim dos Pátrios ninhos mal tecidos
Os implumes pombinhos são roubados
De indómitos Falcões embravecidos;
Assim a tenra flor dos verdes prados
Antes de aberta cai amortecida,
Do bravo vento aos sopros congelados (v. 10-15)

Outras vezes ainda, a mestria do poeta traduz-se na concisão que imprime à narração de uma cena amorosa, como ocorre no seguinte madrigal inédito:

Ontem, quando a manhã vinha rompendo,
Encontrei neste prado a Zélia amada,
Nos cristais duma fonte sossegada
 Seu alvo rosto vendo...
Mas eu, impaciente e receoso
 De que Zélia adorada
 Ficasse namorada
 De seu rosto formoso,
Da doce fontezinha em que se via
Lhe turvei a corrente clara e fria.

Mas o talento poético de Manuel Inácio de Sousa contempla ainda outra faceta. Em lugar dos «rosados lábios», do «terno peito», dos «lindos olhos», a amada surge também representada de modo fortemente disfémico, numa versão satírica do *carpe diem* com sabor a vingança, como acontece na ode inédita *Quem, Lidia, de teu rosto afugentou*:

Descarnadas as faces e amarelas,
 Sórdida a testa, crespa e descomposta,
 Os olhos encovados,
 Denegridos os beiços,
 O Leão mais feroz, que nas montanhas
 Atemoriza as feras destemidas,
 Medroso fugira
 De teu aspecto enorme (v. 5-12).

De resto a capacidade satírica de Manuel Inácio de Sousa é atestada pelos sonetos *Que fantasmas, que espectros horrorosos* e *Sobre as asas o Tempo equilibrado*, em que o nosso autor, defendendo o seu amigo Domingos dos Reis Quita, ataca com certa violência outro poeta contemporâneo, Caetano Francisco Xavier Zuniga.

Estes dois sonetos foram publicados pela primeira vez por Teófilo Braga¹⁴ e estão envolvidos em alguma incerteza autoral. O historiador açoriano inclinou-se — embora de forma dubitativa — para o brasileiro Manuel Inácio da Silva Alvarenga. Numa fonte manuscrita que descobrimos — eventualmente a mesma utilizada por Braga — a indicação de autoria consta apenas de «D.^r Manoel Ign.^o». Pensamos contudo que o apelido subjacente é *Sousa* e não *Silva Alvarenga*. De facto, é sabido que as relações do poeta mineiro com Quita não foram as melhores. Ao contrário, Manuel Inácio de Sousa manteve com ele relações de amizade, como é comprovado pela referência que Domingos dos Reis Quita lhe faz no idílio IV, justamente intitulado «Amizade»¹⁵: «Tu, Sousa do Faial, a quem as Musas / As correntes franqueam do Parnaso» (v. 56-57).

¹⁴ *A Arcadia Lusitana — Garção, Quita, Figueiredo, Diniz*, Porto, Livraria Chardron, 1899, p. 507-508.

¹⁵ *Obras de Domingos dos Reis Quita, chamado entre os da Arcadia Lusitana Alcino Micenio*, segunda edição correcta, e augmentada com as Obras Postumas, e Vida do Author; tomo II, Lisboa, Typografia Rollandiana, 1781, p. 14-16.

Vejamos então, para ilustrar esta faceta satírica da poesia de Sousa o primeiro dos sonetos em causa:

Que fantasmas, que espectros horrorosos
Aparecem nas margens dilatadas
Do claro Tejo? As Ninfas, assustadas,
Se escondem pelos vales cavernosos.

As Musas, pelos montes pedregosos,
Correndo ao Pindo vão, como espantadas;
Pelas serras, de trevas carregadas,
Soam fúnebres versos pavorosos.

Mas aparece Apolo de repente,
Da noite as sombras hórridas consome,
Desterra o susto da medrosa gente.

Era o Zuniga, aquele pobre home
A quem, por mau Poeta, o Deus luzente
Ao fado condenou de lobisome.

É esta, em síntese, a leitura preliminar que nos é possível fazer da obra recuperada de Manuel Inácio de Sousa. Resta-nos esperar que, a partir da referida edição que temos no prelo, ela possa ser reintegrada no património da literatura arcádica portuguesa e o seu autor logre escapar ao fatídico esquecimento a que quase todos os seus contemporâneos têm estado votados.

Francisco Topa